

o cavaleiro da esperança
vida de luís carlos prestes

JORGE AMADO



Posfácio de Anita Leocadia Prestes



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2011 by Grapiúna Produções Artísticas Ltda.
1ª edição, em espanhol, Editorial Claridad, Buenos Aires, 1942;
primeira edição brasileira, Livraria Martins Editora, São Paulo, 1945

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Consultoria da coleção Ilana Seltzer Goldstein

Projeto gráfico Kiko Farkas e Mateus Valadares / Máquina Estúdio

Pesquisa iconográfica Bete Capinan

Imagens de capa Luís Carlos Prestes em São Paulo, 1945. Acervo Pessoal de Anita Leocadia Prestes © (capa); © Luiza Chiodi/ Companhia Fabril Mascarenhas (chita); © <completar> (orelha). Todos os esforços foram feitos para determinar a origem das imagens deste livro. Nem sempre isso foi possível. Teremos prazer em creditar as fontes, caso se manifestem.

Cronologia Ilana Seltzer Goldstein e Carla Delgado de Souza

Assistência editorial Cristina Yamazaki

Preparação Leny Cordeiro

Revisão Isabel Jorge Cury e Marise Leal

Texto estabelecido a partir dos originais revistos pelo autor. Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Amado, Jorge, 1912-2001.

O Cavaleiro da Esperança : vida de Luís Carlos Prestes / Jorge Amado ; posfácio de Anita Leocadia Prestes. — São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

ISBN 978-85-359-1878-6

1. Brasil - História - Coluna Prestes, 1924-1927 2. Prestes, Luís Carlos, 1898-1990. 3. Revolucionário - Brasil 1. Prestes, Anita Leocadia. II. Título.

11-04674

CDD-923.281

Índice para catálogo sistemático:

I. Brasil: Revolucionários : Biografia 923.281

Diagramação Spress

Papel Pólen Soft

Impressão RR Donnelley

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707 3500

Fax (11) 3707 3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br



PRIMEIRA PARTE

O MENINO POBRE

En la orilla del día nació Luís Carlos Prestes.

Es como si os dijera, nació un río.

José Portogalo

1

NESSAS TERRAS DO SUL ELE NASCEU, AMIGA. AQUI, NESSES CAMPOS que se estendem em busca do infinito, correm livres os animais e as lendas. É o pampa, planície sem fim, melancólica e suave; o céu azul, azul de impossíveis comparações, o campo verde, verde de todos os matizes, onde pastam os bois calmos, onde correm nervosos cavalos. Aqui nascem os homens valentes, amiga, aqueles que deixam um rastro de lenda na sua passagem. É o país do Rio Grande do Sul, dos caudilhos, das revoluções, da coragem sobre todas as coisas.

Nessas terras do Sul ele nasceu. Nessas terras deixaram a marca dos seus passos a brasileira Anita Garibaldi e o italiano Giuseppe Garibaldi. Esse aprendeu liberdade e democracia nessas terras do Rio Grande, no seio dessa brasileira Anita. Os dois nos seus cavalos, à frente dos gaúchos. História do Rio Grande, saborosa como uma lenda, heroica como uma epopeia. O amor misturado com as revoluções, as cavalgadas partindo dentro da noite, poeta morrendo nos campos de luta.¹ Nessas terras ele nasceu.

Houve uma revolução, ela se chamava Farrapos. Houve uma república nessas terras, quando ainda as forças reacionárias do Império eram donas do país. Luta de anos, os gaúchos dando sua vida pela liberdade. Caindo nos campos, junto com os seus cavalos. Sangue empapando essas terras, dando-lhes o imortal sentido da liberdade. Os caudilhos na frente dos seus homens. As noites eram então, amiga, cheias do tropel das colunas partindo, os cascos dos cavalos arrancando a erva do chão. Durante anos e anos nasceram os caudilhos nas terras do Rio Grande. Homens que chefiavam os demais, coragem e decisão. Uma palavra na boca: liberdade. Os gaúchos seguiram sempre essa palavra quando a pronunciaram homens corajosos. Amavam-na como a nenhuma outra, como amavam a coragem sobre as demais virtudes. A voz de tribunas sobre esses pampas falando de república. Os gaúchos aprenderam essas palavras, aprenderam ainda mais esses exemplos. Nunca vacilaram, que não é próprio dos gaúchos a vacilação. Esses fazendeiros de gado a quem se misturaram a partir do século XIX os imigrantes europeus, esses brasileiros que durante anos haviam vivido confinados nas suas fazendas, em contato somente com a natureza e os animais, o cavalo sendo quase um complemento das suas pernas, se sentiam os guardiões das fronteiras sulistas do Brasil, já que essas terras marcavam os limites da pátria e o começo de outros países.² Um dia vieram para a corte quando

a corte se estabeleceu no Rio, nos tempos ainda do vice-reinado. E se transformaram em políticos, em oradores, em parlamentares, homens cujo talento ganhava fama nos salões do Rio de Janeiro de d. João VI, nos salões de Pedro I e de Pedro II. E na terra do Rio Grande, nas fazendas feudais, sob o calor dessas palavras, sob a ação imediata das necessidades desses fazendeiros e dessa economia rural, os homens se transformaram em revolucionários, os cavalos cortando a noite do pampa, as figuras românticas dos caudilhos ganhando legenda pelo país afora. Nesse tipo de economia rural agrário-pastoril, haviam de florescer os governantes patriarcais. Mas havia de florescer também, amiga, o amor à liberdade e à luta, a rebelião contra essas fórmulas feudais de governo. Essas terras do Sul estão encharcadas de sangue revolucionário, é vermelha a raiz desses pastos e dessas árvores.

Melancólicas lendas do Sul, melancólicas como a sua natureza. O deus amado desses gaúchos é o negrinho do pastoreio, o mais sofredor dos heróis das lendas brasileiras. O menino negro que morre vítima dos maus-tratos do senhor e revive pelos pampas nas noites silenciosas de bois e de estrelas. Ele vai, negrinho sacrificado às torturas da escravidão, na frente dos cavaleiros rebeldes, a música do tropel dos cavalos é doce música para seus ouvidos. Essa economia atrasada que daria os tiranos, daria também os grandes revolucionários. Sofrendo ditaduras longas, o gaúcho aprenderia o amor à luta, à liberdade, faria de um menino negro, escravo e infeliz, o herói dos seus cantos, o mais terno dos deuses da gente brasileira.

Esses campos do Sul, essas terras dominadas e indomáveis, explodiriam em tiranos e em revolucionários. Nessas terras, amiga, dessa economia, nasceram os tiranos. Filhos de dono de fazenda, senhores feudais, de alma escravocrata, da raça daqueles que mataram o menino negro, dos torturadores do negrinho do pastoreio. Fazendeiros feudais, pais de família da época patriarcal, donos do destino dos seus homens, senhores da terra, da vida e da morte, o lado reacionário, atrasado, odioso da raça dos gaúchos. O dono da terra, o que nunca viu um livro, o que desconfia das cidades e do progresso, aquele que dos animais e da natureza não aprende senão os maus ensinamentos, as manhas e as espartezas. Da raça dos que mataram o negrinho do pastoreio. Os senhores da terra traziam todos eles gotas de sangue do negrinho do pastoreio nas suas mãos. E no coração o desejo de dominar os homens, sob chicote, como dominavam os pacíficos bois do pampa sem fim. Sonho eterno

dos tiranos que nasceram nessa terra. Sonho impossível, porque como um rio subterrâneo corre nas planícies do Rio Grande o sangue dos revolucionários caídos na luta.

Mas, amiga, aqui também haviam de nascer os homens da revolução. Pela mesma causa por que nasciam os tiranos: porque os homens eram tratados como animais, valendo menos que um boi de raça, que um árdego cavalo. Havia de nascer também os que fizeram do negrinho sacrificado o seu deus, estes que o levaram como uma bandeira na frente das suas cavalgadas, estes que haviam de aprender da natureza, dos animais e dos homens escravizados, o amor à vida livre, os que aprenderiam as grandes lições. Os que fariam as cidades, sairiam das fazendas, para aprender e depois voltar aos pampas com a sua experiência e então levantar os homens e na sua frente partir para derrubar os tiranos e tornar a vida melhor, mais digna e mais bela. Em nenhum lugar do Brasil, amiga, a escravidão e a liberdade se encontraram tantas vezes no terreno de luta como nessas terras. Nasceram mulheres, nasceram homens e esses traziam o sangue do negrinho do pastoreio não nas mãos mas no coração, como um desejo de vingança e de justiça. E o desejo de libertar os homens do chicote dos senhores, dos donos da vida e da morte. Sonho eterno dos homens dessa terra. Sonho que é a realidade de cada dia,³ que é a luta de cada instante. Porque, como um rio, corre por estas terras o sangue dos que morreram na luta pela liberdade. Nessas terras do Sul, amiga, nasceu Luís Carlos Prestes. E seu nascimento marca o instante em que começa o fim do tempo dos tiranos. Seu nascimento é a prova de que a raça dos esmagados já tinha adquirido suficiente força para derrubar os tiranos e ganhar a liberdade. Porque essa raça já tinha tanta força e tamanha necessidade que, por fim, havia produzido o Herói. O negrinho do pastoreio, bandeira de escravos, desapareceu nesse dia 3 de janeiro de 1898 da frente dos seus homens. Porque outra bandeira surgira, bandeira dos homens livres. No momento em que ele nasce começa uma nova época para todos os escravos do Brasil. Com ele chega o momento da luta final, o terrível e maravilhoso momento da última batalha.

Nessa terra do Sul, amiga, nasceram os tiranos, aqueles que, partindo da sua fazenda, do chicote sobre os bois e da espora sobre os ginetes, haveriam de chicotear e esporear, humilhar, desonrar e desgraçar a raça brasileira.

Nessas terras do Sul, amiga, nasceu o Herói, aquele que, partindo do meio dos homens escravizados do campo, dos homens explorados da cidade,

haveria de animar e levantar, dignificar, dar consciência e libertar a raça brasileira. Nessas terras do Sul, amiga, do sangue do negrinho do pastoreio, do sangue dos homens vivendo como animais do pampa, do sangue dos revolucionários do passado, do sangue de Anita Garibaldi, do sangue dos homens sacrificados na cidade, nasceu Luís Carlos Prestes.

2

UM DIA, AMIGA, UM MENINO DE TREZE ANOS FUGIU DE CASA PARA SENTAR praça no Exército como simples soldado. A mãe aristocrática chorou lágrimas de desespero no seu orgulho ferido. O seu sangue azul se revoltava contra a ideia daquele filho em tão plebeia profissão. Um seu avô fora guarda-roupas do imperador e esse nobre emprego doméstico lavara no sangue da família Freitas Travassos as possíveis manchas negras ou indígenas, deixando-o azul, de um puro azul aristocrático. Sobre o retrato do antepassado que tivera a honra de calçar meias no imperador, de ajudá-lo a vestir o sobretudo, rolavam as lágrimas desesperadas de Luísa de Freitas Travassos. Nessa hora ela nem se lembrava que diante desses seus sobrenomes havia um outro, mais humilde, de sangue apenas vermelho, o apelido Prestes. E quando se lembrou foi para lhe atribuir a culpa daquela fuga do menino, daquela sua vocação para soldado como o filho de qualquer taverneiro. Agora o neto do guarda-roupas do imperador aparecia envergando a humilhante farda de soldado raso. Luísa fitou o retrato do nobre com remorso. A culpa fora dela. Casara com um plebeu, de posição é verdade, mas em cujas veias corria não o sangue azul aristocrata da corte, mas sim o sangue artesão de um calafate profissional. Daí esse instinto vulgar do filho. Desde criancinha se lhe metera na cabeça aquela ideia de ir para o Exército, de ser soldado. Diante da sua resolução obstinada ela por fim cedera, mas sob a promessa de que pelo menos ele começasse do alto, entrasse para a Escola Militar como cadete, ao que tinha direito, devido ao seu sangue azul. Ser militar já era uma vergonha para a honra da família, acostumada a empregos no Paço, a olhar com desprezo qualquer profissão que não fosse a honrada, a rendosa e descansada profissão de parasita da corte. Qualquer profissão, qualquer trabalho, amiga, era para Luísa quase um insulto. O homem, a seu ver, nascera para as intrigas da corte, para os galanteios refinados, as polcas dançadas com a maior arte, os ditos de espírito sendo toda uma difícil ciência. Esse, sim, era um ser-

viço para um aristocrata, a sua natural vocação, algo verdadeiramente distinto e refinado. Olhava com desprezo toda outra classe de trabalhos. Mesmo o trabalho de distribuir justiça, que fora o trabalho cotidiano do seu marido. Não. Não fora para isso que Deus criara, no seu momento de melhor inspiração, a classe privilegiada dos nobres. Criara-os para que eles enchessem a terra com a sua graça, com o seu talento, a sua fidalguia, a delicadeza das mãos tratadas, da pele macia quase impossível de distinguir entre os homens e mulheres. Por vezes dizia isso ao marido, amiga, e o juiz Antônio Pereira Prestes, o “velho dr. Prestes”, como chamavam em família e na cidade de Porto Alegre, sorria seu sorriso entre irônico e bondoso, e falava:

— Dona Luísa, vosmicê esquece que muitos desses fidalgos têm um sangue bem misturado e o cabelo nada sedoso. Quanto a mim, dona Luísa, francamente muitas vezes prefiro esses bons negros escravos...

Dona Luísa de Freitas Travassos tinha um sublime olhar de desprezo. Estava acima daquelas ironias do marido, o insinuante sorriso e o soberbo porte do antepassado seu que saltava, parecendo vivo, do retrato a óleo na parede da sala, um sorriso feliz de quem acabara de entregar a d. Pedro o lenço de cambraia finíssima para que ele assoasse as ventas imperiais, esse sorriso e a graça desse porte bastavam para situá-la muito acima das plebeias ironias do velho dr. Prestes. Casara com um plebeu, o coração não sentiu a voz azul do seu sangue, gostou daquele advogado brilhante e culto, a quem todos acatavam pelo conhecimento do direito que possuía, a quem todos vaticinavam uma brilhante carreira. Não era nobre, mas o seria um dia, com certeza; ali estava o imperador, em nome e em lugar de Deus para limpar com um decreto o sangue dos seus fiéis e dar-lhe a cor de um céu azul sem manchas. Não era nobre, diziam os seus parentes molestados. Ainda era muito viva a lembrança do calafate, trepado no costado dos barcos, no trabalho ignominioso de operário. Um trabalho a soldo... Sobre os ouvidos fidalgos de Luísa a voz das tias, a voz dos tios, o sorriso mofador dos primos nobres, o cochichar sem fim das primas, das amigas, das conhecidas da corte. Mas, ah!, negra, o amor é maior que qualquer orgulho e que qualquer preconceito. É capaz de fazer uma nobre descendente de um guarda-roupas do imperador dividir seu leito com o filho de um calafate. Demais — pensava Luísa nas suas noites de indecisão — um dia, triunfante, respeitado, rico e conhecido, o seu advogado teria das mãos do monarca o prêmio de um título de visconde ou de barão que jogaria para as lonjuras do passado a

opressora recordação do calafate trepado no costado de um barco, na popa de uma canoa, na proa de um navio. Um navio... Uma caravela, cortando os mares... Sim, até podia fazer desenhar no seu escudo de armas o perfil de uma caravela, as brancas velas abertas ao vento do oceano, as vagas rebentando ao seu encontro. E então a história de um filho de calafate seria invenção de inimigos anônimos e covardes e subsistiria a lenda dos fidalgos portugueses que atravessaram o oceano nas frágeis caravelas para a aventura das descobertas dos mundos desconhecidos. E um dia entregou a fidalga mão ao filho do calafate e foi viver com ele na cidade de Porto Alegre, onde Antônio Pereira Prestes se fez o mais estimado e conceituado dos juizes. A sua familiaridade com as leis, seu conhecimento das matérias do curso jurídico, e, mais que tudo, o seu inato senso de justiça, a independência de caráter que herdara do pai calafate, fizeram dele um homem popular na cidade, espécie de exemplo de caráter reto, de homem cumpridor dos seus deveres, em que o senso da honra só era igualado pelo senso da justiça, a verdadeira justiça, não aquela que se apoia somente na lei, mas a que tem raízes igualmente na bondade e no conhecimento da vida desigual dos homens.

As sentenças do dr. Prestes não morriam no ambiente provinciano da então pequena cidade de Porto Alegre. Ecoavam, amiga, nos tribunais da corte, onde faziam doutrina, conceituados desembargadores se guiando por elas. E o mesmo prestígio das suas sentenças tinham os seus conselhos, conselhos justos de homem bom e sábio, que muitas vezes evitavam os pleitos demorados, solucionando questões que passeariam muitos anos pelo foro antes que as leis as resolvessem. E a sua casa, tal a sua fama, era muitas vezes convertida no lar das crianças que, por uma ou outra razão, tinham que ficar sob a guarda da lei. Ele não as tratava como a órfãos ou a pequenos delinquentes. Deixava, amiga, que os filhos nesses dias fossem cordiais companheiros dos menores depositados à sua guarda. E se dona Luísa de Freitas Travassos reclamava contra aquela intimidade dos filhos com meninos pobres, órfãos ou delinquentes, achando que um menino fidalgo deve saber guardar o seu lugar, o velho dr. Prestes, com a sua mansa voz, objetava-lhe que criava os filhos para serem homens e não manequins da corte.

Esse desprezo pela corte, pelos hábitos, pelos títulos nobiliárquicos, pela vida elegante, esse entregar-se de corpo e alma aos seus deveres de juiz, irritavam e magoavam dona Luísa. Perdera já a esperança de ver o marido desembargador no Rio de Janeiro, frequentando o Paço, tro-

cando ciência com o imperador que tinha fama de sábio, sendo um dia obsequiado com o título tão almejado de barão ou de visconde ou mesmo de marquês. Decididamente essa não era a ambição do dr. Prestes, que se contentava com o respeito e o bem-querer de Porto Alegre, que não almejava nem a corte, nem a honra de discutir com o imperador, nem o título de nobreza. Para ele bastavam o seu gabinete, os livros, o estudo metucioso de cada sentença e a satisfação que via no rosto daqueles a quem a justiça era feita.

Além de tudo — e isso era o mais terrível para a descendente dos Freitas Travassos — o juiz vivia a falar no pai calafate, a reviver com muito orgulho aquela desprezível história que Luísa tanto sonhara substituir pela poética lenda dos conquistadores sobre as caravelas, sobre a terra bravia, sobre os índios nas bandeiras civilizadoras do sertão. O dr. Prestes tinha uma estranha inclinação em narrar o que chamava a “heroica vida do pai calafate”, lutando para dar ao filho uma vida melhor que a desgraçada vida que levava. Lutando e vencendo, fazendo do filho, à custa de sacrifícios que o juiz narrava com desagradável abundância de detalhes, ao ver de Luísa, fazendo do filho um doutor em leis. Não que Luísa desejasse que o marido odiasse ou esquecesse o pai. Mas que deixasse essas histórias, esses detalhes para os momentos de intimidade no leito de jacarandá que ocupava dois terços do quarto de dormir. E que deixasse a ela a narração da história da família para as visitas, que ela a tinha bem estudada, bem detalhada, os sacrifícios do calafate sendo substituídos pelos atos de bravura, pela matança em massa de tribos de índios, praticada pelo avô bandeirante.⁴

E não só para as visitas, amiga. Para os filhos também. Desde que se desiludiu de ver o marido interessado num título de nobreza, toda a sua esperança foi depositada nos filhos, especialmente no mais velho. Esse herdaria do sangue dos Freitas Travassos a graça irresistível da nobreza, o segredo da conquista da corte e das grandes cidades, o ar mundano e a superioridade natural que um sangue nobre inculca nas pessoas. Esse, amiga, era sua esperança, seu trunfo naquele jogo de ambições. Talvez herdasse do sangue do calafate o amor ao trabalho, aos estudos, a aprender para poder viver melhor, à justiça e a outras coisas tão terrenas. Que fosse assim não importava, porque ao imperador agradavam os homens cultos. Assim pelo menos ela ouvira dizer... Seria um nobre culto, porém nobre antes de tudo... Luísa se embalava no sonho daquele filho, levando-a um dia pela mão através dos salões esplendidamente ilumina-

dos do Palácio Real. Chegava a ouvir os diálogos murmurados à passagem de mãe e filho:

— Lá vai a senhora Freitas Travassos e o jovem visconde.

— Ela é de excelente família... Sangue de lei... Mas o pai? De onde veio?

— Existe algo sobre um bandeirante... Um fidalgo também.

Porém por que o dr. Prestes se obstinava em narrar aos filhos a sua descendência paterna, fazendo por vezes burlas alegres sobre a diferença do seu sangue e do sangue dos Freitas Travassos? Por que consentia que os meninos, o pequeno Antônio em particular, brincassem com os esfarrapados e esfomeados órfãos que a justiça depositava em sua casa?

Sem dúvida — pensa nessa manhã em que constatou a fuga do filho — fora em meio àqueles moleques, impressionado com as suas histórias, que Antônio começara a conceber a louca ideia de entrar para o Exército. Esses meninos pobres, essa molecada da rua, tinham uma admiração rude e sincera pelo Exército que era recrutado entre a gente pobre, um exército que tinha muito poucas prerrogativas no Paço e contava com muito pouca simpatia do imperador. Já antes de o dr. Prestes falecer, o menino Antônio falava em ir para o Exército,⁵ em ser soldado. Luísa achava que o marido não rebatia com suficiente autoridade as ideias do filho. Quando o dr. Prestes morreu, deixando os filhos ainda muito crianças, não tendo Antônio, o mais velho, sequer dez anos, Luísa se lançou à batalha de vencer as tendências plebeias do filho. Contava que o seu sangue nobre falasse mais alto no coração de Antônio que o sangue ralé do calafate. Inútil batalha. Todos os sonhos do menino, todos os desejos, se reduziram a ingressar nesse Exército. Se pelo menos fosse a Marinha...

Essa, amiga, era uma carreira nobre. Nela ingressavam muitos aristocratas, filhos de famílias nobres ou de famílias ricas, brancos todos, onde não eram permitidos os oficiais feitos ao calor da luta, os oficiais sem cursos, como no Exército. Carreira que incluía viagens aos países estrangeiros, conhecimento de outras civilizações, contato com a nobreza da velha Europa, que brilhava em cortes distantes e faustosas. Não era o Exército com seus quadros recrutados entre os trabalhadores, negros e mulatos libertos, entre os camponeses, os oficiais muitas vezes sem curso, uma grande desigualdade entre uns e outros, poucos nobres, poucos ricos, alguns mal sabendo ler, tendo conquistado os galões no campo de luta, pouco amigos de “arrastar a espada no Paço”, não tendo livre entrada nele como os oficiais da Marinha, só chegando à presença

augusta do imperador com audiência solicitada. Ah!, amiga, se ainda fosse a Marinha...

Mas esse menino Antônio herdara aquela vontade firme do avô calafate que conseguira fazer do filho um doutor em leis. Sabia o que queria e não desistia assim da sua vocação. Aquele apelido Prestes abafava os gritos de protestos dos Freitas Travassos.

Luísa conseguiu a muito custo que Antônio lhe promettesse que pelo menos entraria para a Escola Militar, começaria do alto, não procuraria escalar posições, partiria já de um alto degrau da escala. Antônio prometera. Mas que estranha atração, amiga, arrastava esse menino para o meio do povo, para junto da gente pobre, para perto desses índios, negros e mulatos que formam o Exército? Vinha de um avô calafate mas vinha também de um guarda-roupas do imperador. Será então, negra, que esse sangue plebeu dos calafates do mundo é mais poderoso e forte que o sangue azul dos nobres?

Um dia Antônio Pereira Prestes fugiu de casa e sentou praça no Exército. Soldado raso. Tinha treze anos de idade mas já era decidido como um homem, disposto para a vida, amando-a como a uma aventura que se deve viver integralmente.

Luísa chorava diante do retrato do avô aristocrata que parecia, sob os veludos que o vestiam, ter um gesto de significativo enojo para a decadência do sangue daquela sua família. Num outro retrato, vestido com roupas mais modernas e mais modestas, sorria seu sorriso bom e irônico o juiz Antônio Pereira Prestes, pai do jovem soldado. Entre os dois retratos, as lágrimas de Luísa, as lágrimas de Luísa Freitas Travassos, transbordavam em soluços.

O que ela não compreendia, o que doía dentro do seu coração, era aquela vitória do sangue vermelho do calafate sobre o sangue azul do nobre nas veias do menino, na vontade, nos desejos, nos pensamentos do menino. Se assim continuasse — pensava a nobre Luísa de Freitas Travassos — os seus descendentes, no futuro, estariam com os calafates do mundo contra os condes, barões, viscondes, duques e imperadores do mundo. Um dia...

Um dia, amiga, uma menina que tinha a mania de ler jornais e se interessar por política pôs uns livros numa maleta de estudante e marchou para a escola, para ser professora como a filha de qualquer costureira que queria subir um pouco mais na vida. Isso para a família de Leocadia representava descer na escala social. Gente abastada, comerciante de

dinheiro o pai, filha de uma família patriarcal a mãe, tinham sobre o destino da mulher no mundo a ideia de que a esta competia casar bem e se limitar ao seu lar, aos pensamentos do marido, sem se interessar pelo que se passava além das fronteiras da sua casa. Não existia o mundo para mulher de então, amiga. Naquele tempo em que ler um romance era um ato quase imoral por parte de uma jovem, constituía realmente uma extravagância o interesse que Leocadia demonstrava pela política. Uma menina querendo ler os jornais, se interessando pela Revolta da Armada, discutindo sobre revoluções, era um acontecimento inesperado na pacata vida do casal Felizardo. E agora aquela ideia de ir para a Escola Normal, de sair professora, de ensinar o bê-á-bá a meninos pobres.

É verdade que dona Ermelinda Augusta de Almeida Felizardo, a mãe de Leocadia, possuía uma capacidade de evoluir, de acompanhar as ideias mais novas do século, que a levaria a seguir toda a carreira do filho de Leocadia até o distante ano de 1941, quando morreu.⁶ Mas as ideias mais novas daquele momento na cidade de Porto Alegre, no extremo sul do Brasil, eram de que nada tinha a mulher que ver com os acontecimentos do mundo. E de que uma filha de gente abastada não tem realmente nenhum motivo para seguir a carreira sem futuro de professora, carreira para gente pobre, para gente necessitada. A filha de um comerciante abastado devia se preparar para o casamento. Devia ser moça prendada, sabendo seu pouco de francês, seu pouco de piano, cuidar da casa, temperar um prato, dançar com elegância, para poder casar bem, com um moço nobre que a levasse para a corte, para uma vida mais alta ainda. Dona Ermelinda se uniu à oposição da família, à oposição de todos os preconceitos levantados contra a absurda ideia de Leocadia. Talvez que não protestasse com muita convicção. Talvez dona Ermelinda sentisse a asfixia de cárcere que era a vida das mulheres de então. Talvez pensasse que a filha agia bem, que devia mesmo realizar sua vida, conseguir a sua independência conseguindo trabalho. Mas, como não se opor, amiga, se todo o mundo se espantava da resolução de Leocadia?

Joaquim José Felizardo protestou mais veementemente. Que diriam os fregueses da Casa Felizardo, aquela popularíssima casa comercial da rua dos Andradas? Mas tampouco Joaquim José era homem para estabelecer uma reação que a menina Leocadia não vencesse. Essa menina, amiga, não era uma simples obstinada. Ela, como o jovem Prestes, sabia o que queria, e conquistaria a sua vida. Vida para ela não significava casar bem, com um moço de boa família e boa posição, ter casa confortá-

vel, negras que cuidassem dos seus filhos, da cozinha, mucamas para cantar as nostálgicas cantigas nas noites cálidas de verão, gordura e displicência. Não, amiga. Todas as manhãs Leocadia via a vida passando pela rua, na figura dos homens que iam para o trabalho, dos negros escravos, dos fregueses que discutiam monarquia e república, abolição e escravatura na Casa Felizardo, das mocinhas que tinham de ir para a escola para aprender algo com que ganhar a vida. Sim, amiga, a vida passava diante de Leocadia e a tentava, chamava-a com as suas mãos de trabalho, com o muito que fazer de bom e de nobre que a moça descobria no mundo. Ela não nascera para viver nos limites da sua casa, o mundo se movimentando lá fora, os problemas, os sofrimentos se processando lá fora sem que sua mão se levantasse para os mitigar.

Em Leocadia se revelavam os traços mais acentuados do caráter dos pais. De dona Ermelinda vinha-lhe a insatisfação, o desejo de evoluir, de acompanhar a marcha das ideias; de Joaquim José herdara os sentimentos progressistas, o amor à cultura, a compreensão das injustiças sociais.

Um curioso homem, esse comerciante, Joaquim José Felizardo. O espetáculo dos políticos profissionais cuidando dos próprios interesses em vez de se preocuparem com os interesses do povo e do país levava-o a odiar a política, a considerá-la como algo indigno. Culto, leitor ávido de quanto livro novo aparecia na Europa, era um estranho tipo de comerciante, se diferenciando dos seus colegas da época não só por ser letrado e capaz de discutir com qualquer homem da lei ou qualquer político, como porque se revoltava contra princípios inteiramente asentes como os dogmas da Igreja ou a escravidão. Tudo isso o fazia simpático a todos os infelizes, a todos os que formavam a legião imensa dos pobres, dos oprimidos, dos escravos. A abolição o apaixonava, os versos de Castro Alves eram seus versos favoritos. É verdade que o seu ódio à política limitava a sua colaboração à campanha abolicionista. Não formava ao lado do partido que clamava pela redenção dos escravos. Desconfiava que esse partido jogava com tão nobres palavras e tão belas ideias apenas como uma hipócrita bandeira política. José Felizardo acreditava que a hipocrisia era o mais torpe dos defeitos. Fazia abolição à sua maneira: comprando escravos com o único fito de libertá-los, empregando fortunas nessa obra de fazer homens livres. “Pai dos Negros”, chamavam-no em Porto Alegre. As portas da sua casa sempre estiveram abertas para os negros fugidos que ali encontravam a fortaleza de onde os senhores não os podiam sacar. De uma maneira ou de

outra o comerciante que lia Revolução Francesa e declamava Castro Alves dava-lhes o presente da liberdade.

Os negros o saudavam na rua:

— Bênção, meu pai...

E saudavam-no também, com carinho e respeito, as viúvas e os órfãos que sabiam que naquela mansão da rua da Ponte encontrariam sempre um alívio a seus sofrimentos, u'a boa e carinhosa mão que lhes ajudaria sem parecer estar ajudando. Sua morte foi um dia de luto para toda a cidade. Nessa tarde de 1899 o presidente do estado ia atrás do carro fúnebre. Mas ia também uma multidão anônima, gente pobre, mulatos, viúvas e negros, principalmente negros, escravos que ele resgatara.

Leocadia pôde vencer rapidamente a oposição daquela mãe interessada pelo evoluir do mundo, daquele pai reto e culto, interessado nos mais graves problemas do seu tempo. Desde cedo, amiga, Leocadia se acostumou a vencer obstáculos e a lutar. Por isso na sua gloriosa velhice pôde espantar toda a América com a sua coragem, a sua dignidade no sofrimento, a sua inteireza moral, a sua impressionante grandeza.

E um dia a menina rica partiu a caminho da Escola Normal como a filha de qualquer calafate. O comerciante Felizardo comentava com os fregueses da sua casa comercial aquela extravagância da filha, mas sorria liberalmente. Dona Ermelinda sorria com certo orgulho ao contemplar a filha em companhia das normalistas que estudavam para ter uma profissão. Lá ia ela, a sua Leocadia, misturada com moças pobres, tão álcere como qualquer uma delas, tão feliz, tão consciente do que fazia... Sim, ela não seria como as mulheres que dona Ermelinda conhecia, uma criatura de horizontes limitados, confinada à sala de visitas, à cozinha, ao leito conjugal, para quem a leitura era um ato indecente, a vida um espetáculo distante e perigoso.

No dia em que Leocadia tomou dos seus livros e partiu para estudar, em meio aos lamentosos suspiros da família, dona Ermelinda não suspirou, não ficou entre triste e espantada. Ficou pensando, amiga, um pensamento lindo: um dia as mulheres do mundo serão livres, a sua casa não será um cárcere dourado, cairão os preconceitos idiotas, colaborarão com os homens na construção de um mundo melhor. Um dia...

Um dia, negra, um dia radiante de sol, o moço soldado e a moça professora, Antônio e Leocadia, se encontraram, se namoraram, se compreenderam e se amaram. Tiveram um lírico noivado nas ruas de Porto Alegre e juntaram num casamento suas rebeldias adolescentes.